

## Quinta do Relógio:

Reinava D. Pedro V quando esta propriedade passou para as mãos de Manuel Pinto da Fonseca, rico aventureiro conhecido como o «Monte Cristo», epíteto extraído do célebre romance de Dumas, por ter enriquecido à custa dos escravos.

Cerca de 1860, Manuel da Fonseca, na esteira do espírito romântico que em Sintra tinha já

revelado a sua feição arquitectónica, nomeadamente através da construção dos singulares e exóticos palácios da Pena e Monserrate, mandou erguer uma nova vivenda na Quinta do Relógio, e que ainda hoje subsiste, em pronunciado estilo arabizante.

Nos jardins, embora de dimensões não muito grandes, pode encontrar-se abundante vegetação exótica e lagos cheios de nenúfares.

Sob projecto de António Manuel da Fonseca Júnior, o palacete é constituído por um pavilhão central de topo ameadado, ao qual se anexam dois corpos mais baixos. Na fachada, destaca-se uma legenda árabe, repetida por três vezes, divisa dos reis mouros de Granada, que diz: «Deus é o único vencedor».

Nesta casa passaram a lua-de-mel, em 1886, D. Carlos e D. Amélia, reis de Portugal.





## Palácio de Seteais:

Ouviu o visitante falar de Seteais e ficou curioso. O topónimo sugere-lhe ecos e lendas antigas de belas princesas mouras. Vai lá e não deu por perdido o seu tempo. No meio da romântica floresta tingida por românticos palácios, emergem surpreendentemente as linhas neoclássicas do Palácio de Seteais, empoleirado sobre o vale do Rio das Maças, onde a vista se estende e se deleita no retalho dos campos cultivados, o branco das casas saloias ao longe, e a linha azulada do mar ao fundo.

Hoje uma requintada unidade hoteleira, Seteais foi edificado no último quartel do século XVIII pelo cônsul holandês Daniel Gildemeester, que o vendeu, nos finais da mesma centúria, ao 5º Marquês de Marialva, D. Diogo Vito.

Este destacado nobre português acrescentou à primitiva construção um segundo núcleo, ligando-os por um arco encimado pelo brasão real e um medalhão que contém as efigies de D. João e de D. Carlota Joaquina, erguido em 1802.

No seu interior, de notar as pinturas atribuídas a Pillement, o mobiliário único e uma decoração capaz de fazer reviver o espírito da época.



## **Quinta da Penha Verde:**

D. João de Castro, filho de D. Álvaro de Castro, governador da Casa do Cível e Vedor da Fazenda, e de D. Leonor de Noronha, nasceu em Lisboa, a 27 de Fevereiro de 1500. Na sua juventude foi moço-fidalgo de D. Manuel e, na corte - onde iniciou uma longa e frutífera amizade com o Infante D. Luís - teve como professores alguns dos mais notáveis mestres da época, de entre os quais o célebre matemático Pedro Nunes.

Aos 18 anos, fugiu para Tânger onde serviu com distinção e foi armado cavaleiro por D. Duarte de Meneses, governador da praça forte. Em 1527, regressou a Portugal, tendo então casado com D. Leonor Coutinho. Mais tarde, em 1535, participou, integrado numa armada enviada pelo monarca português, na conquista de Tunes, empresa de Carlos V.

No ano seguinte, D. João de Castro partiu para as Índias. Durante a estada nas terras do Oriente, e paralelamente com a sua já notável actividade militar, redigiu três célebres Roteiros sobre a região, nas quais se revelou um perspicaz investigador e verdadeiro homem de ciência. De volta à pátria, em 1542, serviu como capitão-mor da armada da guarda-costas. Assim, em 13 de Agosto de 1543, D. João de Castro comandou uma expedição contra o pirata Barba-Roxa, que saqueava as costas mediterrânicas. Como recompensa o cavaleiro apenas pediu a D. João III que lhe «fosse dado um rochedo com seis árvores», junto à Quinta da Penha Verde que possuía em Sintra, onde mais tarde construiu a capela de Santa Catarina.

Em 1547, foi nomeado governador das Índias, pelo que voltou à Ásia, onde deparou com uma grave crise, porquanto teve de reconquistar a fortaleza de Diu que entretanto caíra na posse dos muçulmanos. Tomada a cidade, D. João de Castro empreendeu a sua construção. Para tal, contou com o precioso auxílio dos moradores portugueses, chegando inclusivamente a empenhar as próprias barbas, a fim de obter o necessário crédito junto da Câmara de Goa. Com a máxima distinção pelas suas notáveis glórias e feitos, D. João III honrou-o com o título de Vice-Rei das Índias. Porém, D. João de Castro morreu em casa três semanas após ter recebido o cargo e, por isso, não se cumpriu a disposição testamentária, na qual pretendia ser sepultado perto da Capela de Nossa Senhora do Monte, na Penha Verde. No entanto, durante a sua conturbada vida, e enquanto permanecia no país, D. João de Castro passava grandes temporadas na bela Quinta da Penha Verde, onde, num acto de profundo desprezo pelos bens temporais, D. João mandou arrancar todas as árvores de fruto, deixando a vegetação selvagem crescer livremente. Aí organizou um importante centro de cultura e de arte, onde estanciaram, para além do Infante D. Luís, os maiores vultos renascentistas em Portugal.

D. Álvaro de Castro, filho de D. João de Castro, foi capitão-mor do mar da Índia, vedor da fazenda e ilustre diplomata, tendo realizado missões em Roma (1562-1564) e em Madrid (1570). Em Sintra, conservou a propriedade inculta, cumprindo assim, entre outros, os votos de seu pai. Posteriormente, o neto do Vice-Rei, D. Francisco de Castro, bispo-inquisidor e doutor em Teologia, fez erguer na Penha Verde as capelinhas de Santa Catarina e de São João Baptista. Data do século XVII a abertura da capela de São Brás, integrada na casa senhorial, bem como a construção de algumas fontes e pavilhões.

António Saldanha de Albuquerque Castro Ribafria veio a herdar, por via materna, a Quinta da Penha Verde. António Castro Ribafria foi governador de Angola e, como recompensa dos serviços prestados à pátria, D. João V fez-lhe mercê. Falecido em 12 de Agosto de 1723, o seu coração foi inumado defronte da capela de Nossa Senhora do Monte.

Em 1869, a Quinta da Penha Verde foi hipotecada por António Maria de Saldanha Albuquerque Castro Ribafria Pereira, terceiro conde de Penamacor. E, em 1873, a propriedade foi adjudicada a Francis Cook, Visconde de Monserrate. Já no século XX, concretamente em 1913, Álvaro de Saldanha e Castro, herdeiro da Quinta mediante partilha, vendeu-a ao segundo Visconde de Monserrate.

A primitiva casa da Quinta da Penha Verde, erguida por D. João de Castro, era simples e de reduzidas dimensões. Posteriormente, o edifício foi deveras ampliado e modificado, adquirindo então o aspecto que que lhe conhecemos actualmente. A entrada da Quinta é hoje precedida por um singelo pórtico, datável de finais do século XVII, encimado por um frontão triangular ao qual se sobrepõe o brasão dos Castros. Logo de seguida, um pequeno jardim ao estilo do século XVIII enquadra e antecede a mansão. esta apresenta uma planta algo irregular, integrando-se, todavia, na linha da arquitectura áulica portuguesa tradicional. As ombreiras das portas e janelas são revestidas por largas e



simples cantarias. O seu interior é marcado pela sobriedade, destacando-se porém, deste contexto, o grande salão do piso superior, com tecto de madeira apainelada e com uma pintura central representando um brasão de armas.

A capela de São Brás, integrada no corpo principal da mansão, data do século XVII. A parede da capela-mor encontra-se completamente revestida por um painel de azulejos policromados, cujo desenho representa um reposteiro semi-aberto, de evidente recorte teatral; do centro desta composição sobressai uma peanha em pedra finamente lavrada, sobre a qual se encontra uma sobreba e pétrea imagem de São Brás; o altar é trabalhado, encontram-se dispersos, aqui e ali, pequenos pavilhões revestidos a azulejos – sendo um deles ricamente ornamentado com conchas e pedras coloridas –, fontes, estátuas, cruzeiros e, inclusive, inscrições em sânscrito.

D. João de Castro fez erguer, num pequeno outeiro da sua Quinta, uma capela circular de invocação a Nossa Senhora do Monte, destacando-se no seu interior o tecto abobadado, a nave revestida a azulejos seiscentistas e o reduzido altar-mor. Sobre este altar, forrado a azulejos mudéjares, encontra-se um baixo-relevo de fino mármore, representando a Sagrada Família, emoldurado e aparentemente sustentada por anjos pintados num painel cerâmico.

Posteriormente, já no século XVII, foram erguidas na Penha Verde duas outras capelas, também circulares. Refiramos primeiro a de Santa Catarina, cujo frontão triangular ostenta a roda de navalhas, símbolos do seu martírio; no seu interior, aliás bastante simples, apenas se realça o altar, com mármore embutidos e, sobre ele, uma antiga imagem de Santa Catarina. Segue-se a Capela de São João Baptista, inte-

riormente revestida com magníficos azulejos policromos que ilustram a vida e morte de São João; por sua vez, sob um pequeno arco abatido, nasce o altar-mor, profusamente decorado com pedras multicolores, conchas e faianças.



## **Xorca de Ouro e Povoado Calcolítico da Penha Verde:**

As primeiras recolhas de materiais efectuadas no local remontam ao ano de 1949. Mais tarde, em 1957-58, escava-se e publicam-se os dados relativos ao Povoado da Penha Verde. Identificaram-se as seguintes ocupações: 1 - caracterizada por uma indústria microlaminar epipaleolítica; 2 - Calcolítico Médio, 3 - Calcolítico Final, onde se acolheram as novidades da Idade do Bronze. Para este último contexto foi efectuada uma datação através de Carbono 14, a qual aponta para 1.450 a.C..

Esta última fase é, sem dúvida, a melhor representada. Além disso, as evidentes semelhanças que revela nomeadamente com contextos do Estuário do Sado - sobretudo a nível do Povoado da Rotura -, ilustra bem os contactos internos havidos entre aquela área e o povoado em análise.

Situado num cabeço conhecido pelo topónimo Penha Verde, entre o *thor* granítico, contrastando com o ambiente geológico em que se implanta o povoado, todas as estruturas até agora postas a descoberto encontram-se construídas com lajes de calcário: duas casas de planta circular com corredor, um silo parcialmente escavado na rocha, uma calçada formada por lajes que dá acesso à casa n.º 2 e circunda o silo, além de fundos de cabana na base do morro, e troços de muralha que preenchem os intervalos entre os penedos graníticos do cume.

Do espólio exumado salientam-se as cerâmicas lisas e decoradas («folha de acácia» e campaniforme), utensílios de osso (espátulas, cabos de instrumento, alfinetes, falange de bóviedo afeiçoada; sílices (pontas de seta, elementos de foice, lascas, lâminas e núcleos); machados; enxós; mós; contas de pedra verde, ocre; pontas de tipo Palmela, um punção e escórias.

Recolhida nas escarpas da Serra de Sintra no século passado, a xorca de ouro da Penha Verde foi publicada em 1895 por José Leite Vasconcellos, investigador que sete anos mais tarde noticia, com certa amargura, a sua venda ao Museu Britânico. Apesar da singularidade desta peça, torna-se possível estabelecer paralelos no NW, tanto a nível do sistema de fecho (torques de Serrazes), como da decoração (torques de Baiões), ambos datáveis do século IX a.C..

A xorca de ouro da Penha Verde constitui o único espólio recolhido num enterramento de inumação então acidentalmente localizado, entre duas bancadas de calcário e coberto com lajes. Trata-se de um torques formado por três arcos de secção circular, unidos nos topos e aderentes em todo o comprimento. As duas extremidades da peça ligam-se entre si através de uma placa canelada, ligeiramente curvilínea e provida de dois encaixes.

Junto aos topos registam-se dois conjuntos de campânulas geminadas. A decoração incisa, presente nos três arcos do torques, é formada por quatro conjuntos de barras e triângulos preenchidos. A difícil atribuição cronológica deste adorno maciço resulta, sobretudo, da inexistência de outro espólio típico associado à necrópole. Porém, é quase impossível não o associar aos contextos conhecidos do Bronze Final.

### **Palácio e Parque de Monserrate:**

Este maravilhoso local deve o nome a uma pequena ermida ali edificada por Frei Gaspar Preto, em 1540, dedicada a Nossa Senhora de Monserrate. Manteve-se este tempinho a culto até ao início do século XVIII, altura em que foi votado ao abandono.

Em 1718, instituiu-se o vínculo da Quinta de Monserrate a D. Caetano de Melo e Castro, comendador da Ordem de Cristo e vice-rei da Índia. Tendo ficado bastante danificada com o terramoto de 1755, a quinta as casas existentes foram arrendadas a um rico comerciante inglês, de nome Gerald de Visme. Este huguenote, que se instalara em Portugal no ano de 1746, mandou edificar uma vivenda acastelada de sabor neogótico, onde residiu por um curto período. Em 1794, aí se instalou William Beckford, fazendo obras nos jardins e redecorando a vivenda. Quando Lord Byron visitou aquele local, em 1809, já a vivenda se encontrava abandonada, entregue ao vandalismo e à pilhagem, mas, mesmo assim, o grande poeta ainda lhe chamaria «o primeiro e mais lindo lugar deste reino».



Só em 1856 Monserrate é, de novo, revitalizado, com a venda da propriedade a outro rico comerciante inglês, Francis Cook, que vai transformar a antiga vivenda num singular palácio de cariz orientalizante, procedendo também à modificação do espaço rural num exótico jardim, com o plantio de diversas espécies provenientes das mais remotas paragens do mundo. O arquitecto responsável pelo risco do palácio foi James Knowles Jr., enquanto que para a concepção dos jardins, Francis Cook chamou a Portugal um jardineiro inglês de nome Burt.

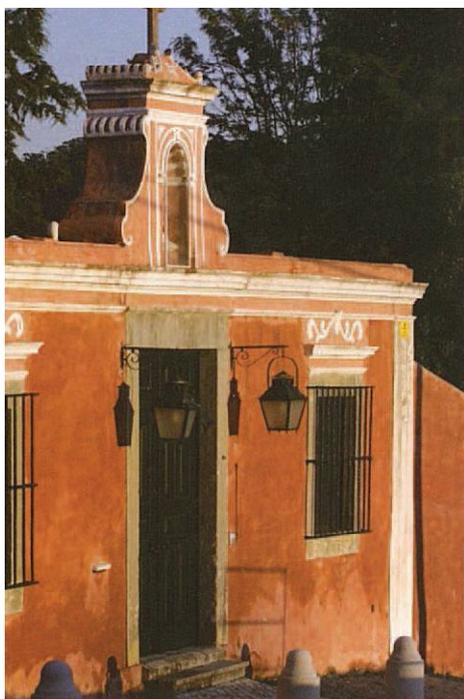
Assim, o visitante que se passeia em Monserrate, naquele harmonioso e exuberante conjunto artístico e ambiental sente, de uma forma viva e marcante, o «*glorioso Eden*» que Lord Byron tão bem soube cantar.

### Quinta da Capela:

Podemos situar as obras que caracterizam a Quinta da Capela entre a primeira e a segunda década de setecentos, quando a propriedade pertencia ao 3.º Duque do Cadaval, D. Jaime. O estilo é de traçado rústico, sóbrio, mas testemunhando, na implantação, um claro saber arquitectónico.

Por todo o lado paira um certo sabor italianizante. O espaço do jardim, a casa de habitação e os anexos assentam no topo de uma colina, possuindo uma alargada plataforma ajardinada, onde, ao fundo, sob sobreiros, repousam as águas de um grande tanque rectangular. No interior, sobre a parede da actual sala de jantar, um remate marmoreado que parece recordar o colorido dos mármore rosa-alaranjados da fábrica de Mafra.





### Quinta e Capela da Madre de Deus:

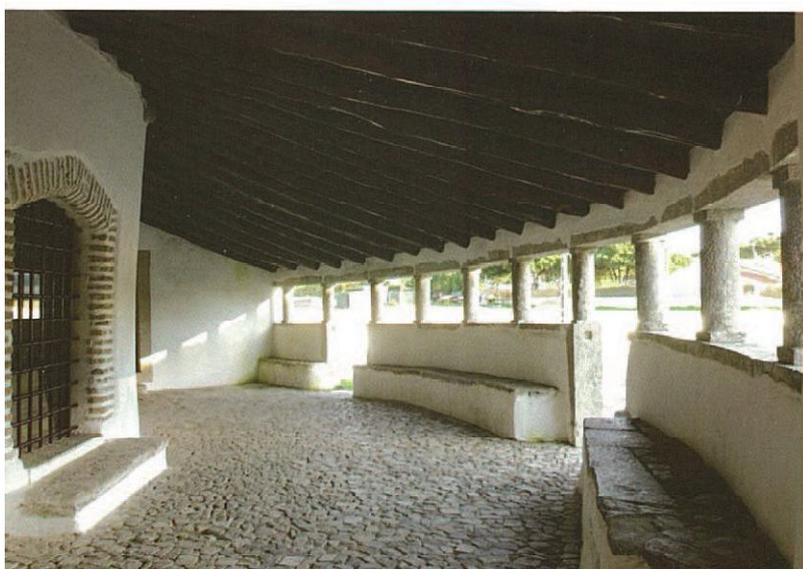
As origens da Quinta da Madre de Deus remontam a 1729, quando o Chantre da Basílica Patriarcal de Lisboa, D. Filipe de Sousa, que adquiriu a propriedade ao Convento da Santíssima Trindade do Arrabalde.

De cor rosa escuro, a construção setecentista é um modelo de raízes rústicas, mas a importância dada pelo proprietário à capela veio a criar um ornamento mais erudito. Perdura a utilização da alvenaria para os efeitos decorativos, nomeadamente o remate do portão de entrada, efeito de mascarões sobre as janelas do pátio e remate barroco ondulante coroando a entrada da capela. No interior do

templo pode-se apreciar um excelente painel de azulejos de meados do século XVIII, com motivos marianos.

### Ermida de São Mamede:

Datada do século XVI, esta ermida rural de curiosa planta circular, com alpendre ao redor, é um centro de antiquíssima romaria que inclui a tradicional benção do gado sob a protecção de São Mamede. Quem passa em Janas e demanda este local, sente que os ven-



tos lhe trazem segredos de mistérios e de lendas, de crenças ancestrais perdidas no tempo. De construção bastante interessante e surpreendente, provavelmente riscada por Francisco de Holanda, a ermida tem ao centro uma rotunda de colunas clássicas, e uma imagem de pedra do santo, datável do mesmo século.



### **Quinta do Cosme:**

Na margem direita do Rio das Maças, em Galamares, situa-se a Quinta do Cosme, propriedade que tem as suas origens em João Francisco de Lafetá, italiano de nascimento, que veio para Portugal no reinado de D. Manuel I. Negociante habilidoso, arrecadou grossos cabedais sobretudo no comércio com a Índia e veio a fazer fortuna. Embora nunca tenha casado, teve três mulheres e vários filhos. Pelos vestígios que ainda subsistem, uma abóbada nervurada com mísulas, restos de um torreão e cubelos de aparente traça quinhentista, tudo nos leva a concluir que a Quinta tenha sido edificada no século XVI.

O acesso faz-se por um portal sóbrio, encimado com as armas da família Lafetá, nobilitada por D. João III.

### **Thóloi de São Martinho:**

Embora situado em território da freguesia de Santa Maria e São Miguel, decidimos incluir aqui este monumento pré-histórico pelo nome que ostenta. Este conjunto de duas *Thóloi* conservam ainda as suas câmaras, embora os corredores tenham desaparecido, talvez devido a uma surripa efectuado pelo então proprietário do terreno, em 1896, que, certamente, ignorava o seu valor. Posteriormente, foram essas *Thóloi* estudadas e exploradas pelo arqueólogo Maximiano Apolinário, que recolheu muitos materiais e os depositou no Museu de Arqueologia de Lisboa. Juntamente com as da Penha Verde, do Monge e da Praia das Maças, as *Thóloi* do Vale de São Martinho são mais um testemunho da arte megalítica no concelho de Sintra.

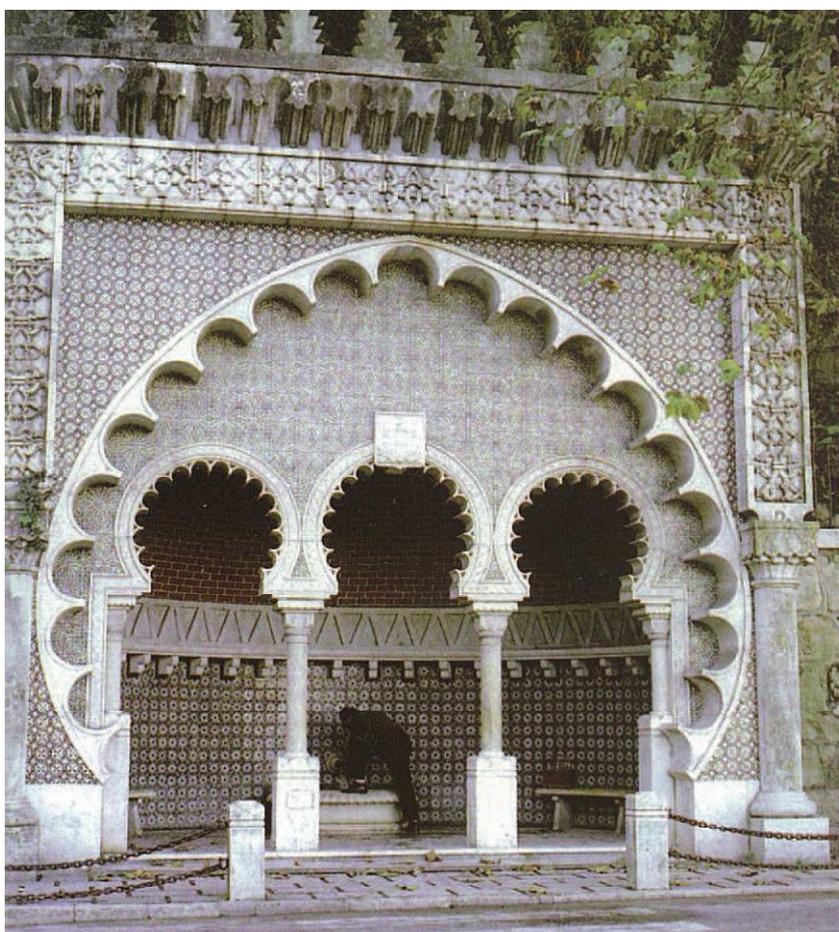
### **Volta do Duche:**

Este local deve o nome a um estabelecimento de banhos públicos fundado, em 1848, pelo Dr. Bernardino Egídio da Silveira e Castro, e encerrados em 1908. Passeio agradável e que possibilita diversas panorâmicas do Paço Real a poente e do Parque da Liberdade a nascente, comporta ainda um monumento que perpetua a memória do Dr. Gregório de Almeida, obra do escultor José da Fonseca.

### **Museu-Atelier Anjos Teixeira:**

Instalado na Volta do Duche, mais propriamente na Azinhaga da Sardinha, em edifício recuperado que comporta uma velha azenha, este Atelier-Museu guarda uma importante coleção de esculturas, estudos em gesso e outros trabalhos da autoria de Artur Anjos Teixeira (1884-1935) e de seu filho Pedro Anjos Teixeira, documentando a evolução da estatuária portuguesa desde os academismos naturalistas do início do século ao neo-realismo e às tendências mais recentes.





### Fonte Mourisca:

Situada primitivamente no extremo da Volta do Duche, muito perto da Vila Velha, esta fonte foi desmontada e conservada em 1960, quando se procedeu às obras da estrada, e reposta em 1982, por iniciativa do Município, a meio da Volta do Duche. É uma grande e curiosa fonte de estilo revivalista, dentro de uma tradição neo-mourisca. Seu autor foi, em 1922, o mestre escultor sintrense José da Fonseca.

### Poço do Romão:

Este poço muito antigo que aparece em documentos medievais, um de 1398 e outro de 1483, já com o nome de Poço do Romão, situa-se, hoje, no interior de um estabelecimento comercial. Contudo, este manancial de água abasteceu a população durante vários séculos, e serviu de topónimo para a rua que sobe da Vila até ao bairro de São Pedro, actualmente denominada Rua Visconde de Monserrate.





## SETE AIS

Shahida era uma bela princesa moura, filha do senhor de Lisboa, ou Alisbuni, como se dizia na sua língua. O seu pai possuía um palácio muito acolhedor num lugar encantado que se chamava Xintara, nome bastante semelhante ao que hoje lhe atribuímos – Sintra.

Era ali, naquele pedaço do paraíso, que Shahida passava o Verão, sempre na companhia da sua aia Zarmina, uma núbia roliça que a vira nascer e que nutria por ela um carinho de mãe. Passavam agora a maior parte do tempo nos jardins do palácio, pois os moçárabes da região andavam bastante exaltados naquela época. Falava-se que o Conde Portucalense, D. Henrique de Borgonha, preparava uma incursão por aquelas bandas e, então, pairava no ar um cheiro a revolta no seio da comunidade cristã que era, a bem dizer, a maior parte da população.

Assim, a bela Shahida pouco se aventurava fora dos muros do palácio onde a guarda, por ordem de seu pai, mantinha a mais apertada vigilância. E tanto que ela gostava de passear nos bosques, alargar as vistas no alto da serra, cheirar a maresia no litoral escarpado e bravio. Contudo, mesmo com todos estes impedimentos, a princesa escapava-se sempre que podia, nem que fosse só para se embrenhar na mata de Almosquer, que ficava a pouca distância da vila.

Foi numa dessas fugas, depois de ludibriar a guarda e com a criada Zarmina a arrastar-se atrás de si, que, ao chegar à entrada do bosque, lhe saltou ao caminho um jovem cavaleiro. A aia, vendo que era cristão, quase desmaiou. Shahida manteve-se firme, de queixo levantado e porte altivo, enfrentando o infiel do cimo da sua nobre condição.

---

O jovem desmontou, calmamente, sem nunca tirar os olhos da princesa. Zarmina, que já recuperara do susto, agarrou num ramo podre e preparou-se para proteger a sua menina. Perante a figura caricata da velha ama, o cavaleiro deu uma grande gargalhada:

— Ah! Ah!... Sim senhora. Vejo que a menina se faz acompanhar por uma guarda inultrapassável! Mas não precisais de ter medo. Não costumo atacar mulheres. Para mais mulheres bonitas, como é o caso de vossa mercê!

E, dizendo isto, fez uma vénia. A criada, de olhos arregalados, onde o branco ocular mais se destacava na tez negra da sua pele, baixou o pau. Shahida puxou o véu para o rosto e retribuiu a vénia com um leve aceno de cabeça.

— Se és homem de paz, então, que Alá seja contigo!

— É melhor que ele fique convosco. Mas vale a intenção e essa, eu agradeço-vos. Dizei-me, agora, o que faz uma nobre senhora e sua dama sozinhas neste bosque e em tempos tão difíceis?

A simpatia do jovem cavaleiro já tinha conquistado a velha aia. Zarmina deixara cair o medo e exibia agora um sorriso meigo. Tinha bom porte e era formoso aquele cristão, achava ela. A princesa também parecia estar de acordo. A julgar pelo modo como o olhava, dir-se-ia até que ela não estava, apenas, fascinada com a beleza do moço.

— Viemos passear... E vós? Que fazeis por aqui, tão perto das tropas de meu pai?

— Esperava-vos, senhora!...

— A mim?!

— Sim, minha princesa. Desde o dia em que vos vi, apanhando flores no Jardim da Lindaraia, jamais vos esqueci.

Shahida voltou a puxar o véu e, de novo, cobriu o rosto. Mas os seus olhos negros já desmentiam aquele gesto de pudor. O atrevimento do cavaleiro ainda a cativou mais e, então, deixou cair o véu.

— Já vi que sois atrevido! E também tendes nome?

— Fernão...

E outra vez os olhos se encontraram. Os dele, azuis como o mar, pareciam ondas de brilho a querer invadir a negritude dos dela. Deixaram-se ficar, por instantes, ali sem dizerem nada, apenas se contemplando um ao outro num silêncio exterior que contrastava com o turbilhão de emoções que ambos experimentavam dentro de si.

De repente, Zarmina interrompeu-os:

— Senhora! Senhora, depressa que se aproximam cavalos!...

De facto, ouvia-se já o barulho dos cascos lá para as bandas dos Pisões. Fernão montou devagar, sempre olhando a princesa nos olhos e, na volta da montada, ainda rematou:

— Até breve, bela Shahida!

E nisto partiu a galope, entranhando-se na mata de Almosquer. Instantes depois, apareceram os guardas do palácio. Procuravam Shahida. Ela deixou-se levar, com um sorriso nos lábios. Alguns guardas mais velhos até estranharam o comportamento da princesa. Não era hábito aceitar, com tanta calma e benevolência, as regras de segurança.

Fernão e Shahida nunca mais interromperam os seus encontros. E a paixão gerou o amor. Tinham eleito um outro local para estarem a sós. Ficava para lá da mata de Almosquer, ao fim de uns campos onde se semeava centeio. Aí, a serra fazia um parapeito sobre o vale do Rio das Maçãs. Era uma verdadeira varanda sobre o paraíso. A vista estendia-se até ao oceano. Em baixo, o rio serpenteando entre as hortas e pomares, sempre acompanhado da sombra dos freixos e dos salgueiros. A um canto do terreiro, amontoavam-se grandes penedos graníticos, formando uma espécie de concha. E foi nessa amplitude de horizontes e aconchego da terra que os dois jovens de amaram.

Contudo, nem tudo eram rosas para os dois namorados. Ali bem perto, num casebre entalado na encosta da serra, vivia uma bruxa terrível, a quem aquele amor puro e sincero afectava profundamente. Todos os dias via os dois amantes ao longe e jurava acabar com aquilo. E, um dia, decidiu esperar junto aos penedos onde eles se costumavam encontrar. Era pela tardinha. Shahida chegou primeiro, com a sua aia Zarmina atrás. Trazia uma roca de fiar, como modo de passar o tempo enquanto não chegava o seu amor. E a velha bruxa, que sentia no cavaleiro a bravura dos corajosos, viu na ausência dele uma bela oportunidade de colocar em marcha o seu plano diabólico. Aproximou-se das duas mulheres e disse, virando-se para a princesa:

— Tu, Shahida, achas-te feliz, não é?

Surpreendida com aquela afirmação, a moça nem respondeu.

— Pois essa felicidade muito em breve acabará!

Zarmina, que estava sentada junto da princesa ajudando-a na fiação, levantou-se num pulo.

— E tu, velha agoirenta, quem és tu? Não te ensinaram como se deve tratar uma princesa?

— Quem sou eu, não interessa. Aquilo que realmente importa, sobretudo a ti, Shahida, é que o teu cavaleiro em breve partirá para a guerra e de lá não voltará.

Ouvindo isto, a moça começou a chorar. Zarmina, ao vê-la tão triste, avançou para a bruxa aos gritos.

— Vai-te daqui, maldita!

Perante o ar ameaçador da aia, a bruxa começou a afastar-se. Mas, já de longe, ainda acrescentou por entre uma risada arrepiante:

— E tu, ó bela e vaidosa Shahida, vais largar ais de saudade! Pois aqui te juro, por Satanás, que te irás picar no fuso dessa roca e quando largares o sétimo ai, morrerás!...

Dizendo isto, a bruxa sumiu-se no matagal. Shahida chorava cada vez mais. Zarmina chegou-se a ela e retirou-lhe a roca das mãos. Mas a princesa, num gesto desprevenido, picou-se no fuso. E o pânico instalou-se, definitivamente, no seu coração. Para mais, o seu amor nunca mais aparecia! A pobre da aia desfazia-se em alentos, em palavras de consolação e de ânimo. Mas o frio que Shahida sentia por dentro, teimava em congelar-lhe a alma.

Fernão não apareceu naquele dia nem em outro qualquer. Zarmina soube por uma moçárabe que ele partira num fossado às terras do Al Garbe. E nessa tarde, junto aos penedos onde fora tão feliz, Shahida soube da notícia. A dor que sentia era de tal dimensão que não lhe cabia no peito. Então, foi suspirando ais saudosos que iam ecoando pelo vale. Ao sétimo, como profetizara a bruxa, morreu.

A partir desse dia fatídico, passou o povo a chamar Seteais àquele lugar. E ao coito dos dois amantes, Penedo da Saudade.

*N.A.: A origem do topónimo Seteais tem levantado muita controvérsia ao longo dos tempos e várias são as interpretações. Por exemplo, Camilo Castelo Branco aponta a origem em «seto», ou terreno cercado por sebes. No entanto, a proposta mais aceite é a que nos oferece Francisco Costa. Diz este autor sintrense que o nome deriva de centeio, já que aquele local se encontra descrito em alguns documentos como sendo o «Campo de Centeais», o que se torna bastante plausível.*

## ESPERTEZA SALOIA

Ainda o sino da Torre do Relógio mal tinha acabado de anunciar as matinas, naquela hora madrugadora em que as trevas se desfazem em luz, quando o estouro de sete cavaleiros quebraram o silêncio na Praça da Vila.

As colarejas, que descarregavam dos burros as frutas e legumes para venderem na Alpendrada do Mercado, interrogavam-se sobre tão abrupta aparição.

Junto à Porta d'Armas, os cavaleiros desmontaram. Logo dois moços seguraram e arrastaram as montadas para as cavaliças. Joaquina, a cheirar novidades, pegou em três maçãs e dirigiu-se aos guardas que estavam de sentinela ao palácio.

— Tomem lá para matar o bicho – disse, oferecendo os frutos. Então, que novas há? É guerra?

— Não, mulher do diabo! É boda – respondeu um deles.

— Boda?!

— Sim. Sua Alteza Real o senhor D. Afonso vai casar com a Infanta de Castela.

— Mau, mau! De Espanha, nem bom vento nem bom casamento...

— Isso são coisas que se dizem, ó tia Joaquina – opinou outro guarda que, entretanto, se chegara à conversa. Olhe que já me disseram que ela é bem bonita.

Como todos os saloios, Joaquina pelava-se por uma boa quadrilhice, que é como quem diz, adorava cortar na casaca. Por isso, tratou de alimentar a fogueira para que a conversa não arrefecesse:

— Se calhar até é mal empregada... Dizem para aí que o Príncipe tem maneios mais de mulher que de homem...

— Cuidado com a língua, senhora! Olhe que eu podia prendê-la por isso.

Joaquina olhou de soslaio o jovem soldado e sorriu a mostrar os dentes podres dos seus sessenta e tal anos amargados no duro trabalho do campo. Depois, foi juntar-se à mercadoria e às outras vendedoras, inchada de contentamento por possuir o segredo do dia.

Durante toda a manhã, não se falou de outra coisa na Vila. E a culminar o belíssimo desenferujar de língua, por volta do meio-dia os vereadores da Câmara reuniram-se na Alpendrada do Mercado e anunciaram, por fim, aquilo que já todos sabiam.

*«Em nome de Deus, Amen. Saibam quantos os que esta Carta virem que eu, D. João II, Rei de Portugal e dos Algarves, etc., em conjunto com a Rainha D. Leonor, minha mulher, e o Príncipe D. Afonso, meu filho, fazemos gosto e é nosso desejo que em todas as cidades, vilas e lugares deste Reino se festeje as bodas do casamento real entre o Senhor D. Afonso, herdeiro da Coroa de Portugal, com a Senhora Infanta D. Isabel de Castela.»*

Depois de lida na íntegra a Carta d'El-Rei, o vereador ainda acrescentou:

— E nós, Câmara da Vila e Concelho de Sintra, fazemos honra em festejar a preceito o enlace do Príncipe Nosso Senhor. Por isso, vamos preparar diversas e vistosas funções para solenizar tão fausto e grato sucesso.

Bom, o certo é que entre todas as coisas que constavam no programa dos festejos, uma delas implicava, directamente, com Joaquina. Com ela e não só, pois todo o povo do termo de Sintra estava obrigado a doar um caneco de leite para depositar num chafariz a construir no largo do Paço. A intenção era que no dia da festa, o chafariz jorrasse leite em vez de água, coisa muito a gosto na época.

A velha foi para casa a magicar naquilo. «Apre, um caneco de leite sempre é um caneco de leite!». E para quem vive do magro sustento da terra, todas as migalhas fazem diferença. «Não, a mim não me apanham eles, aqueles gulosos da Câmara!», continuava ela, agora já a engendrar um esquema para fugir a tão inesperado imposto. «Querem leite, não é? Pois vão ter mas é o diabo que os carregue! Entre tantos canecos, se eu levar o meu cheio de água ninguém nota, pela certa!». E encontrada a solução para escapar ao encargo, foi-se toda lampeira a cantarolar pelo caminho, orgulhosa da sua esperteza. Mas o que Joaquina não contava era que todos acabaram por pensar do mesmo modo. E se bem o pensaram, melhor o fizeram.

Chegado o dia dos festejos, estava a Vila toda engalanada. O povo rodeava o chafariz, ansioso por ver rebentar um manancial de leite. Mas, para pasmo de todos, o que correu foi água pura. Ao princípio, a surpresa foi geral. Contudo, não demorou que desatassem em grandes gargalhadas. Joaquina, que a tudo assistia, ainda deixou escapar por entre os soluços do riso:

— Esperteza saloia!...

## A CAPELA CIRCULAR

Todo o homem do campo tem uma relação especial com os animais. É uma convivência quotidiana que vem de milénios, no árduo trabalho da terra, no companheirismo salutar da viagem ou da caça, na protecção que oferecem uns aos outros. Mesmo quando se trata de animais de criação, ou seja, animais propositadamente criados para alimentação dos homens, a estima é igual. Por isso, quando algum deles adoece, o trabalhador rural fica preocupado. E não é, apenas, o prejuízo causado pela hipotética morte do animal que o apoquentá. Da lida diária, ao alimentá-lo, ao limpar-lhe a cama, vai ganhando uma estima muito peculiar pelo bicho. E, então, se acaso surge uma epidemia, é o desânimo total, sobretudo quando isso acontece em pequenas aldeias cujos recursos não são abastados.

Pois foi, exactamente, o que aconteceu a duas aldeias vizinhas do termo de Sintra. No tempo em que as caravelas ainda desbravavam mundo, lá pelo princípio do século de quinhentos, uma febre vinda não se sabe de onde atacou o gado de Janas e de Fontanelas. E aquela gente pobre, ainda mais pobre ficou. Todos os dias morriam vacas, burros e porcos, já para não falar da bicharada miúda, que essa desaparecia a olho nu.

Nada parecia conseguir contrariar a maldita peste. Testavam-se mesinhas, leveduras, diziam-se missas, faziam-se promessas, e o resultado era sempre o mesmo – meia dúzia de animais enterrados por dia.

Certa manhã fria de Novembro, duas mulheres que viviam em Janas foram trabalhar numa courela que possuíam perto de Fontanelas. Quando iam já perto do rio Cameijo,